

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT07.002

A EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE NO ENSINO FUNDAMENTAL: A VISÃO DO PROFESSOR DA ESCOLA PÚBLICA DE NATAL

MARIA VALÉRIA PAREJA CREDIDIO FREIRE ALVES

Doutoranda em Sustentabilidade Social e Desenvolvimento, Universidade Aberta de Portugal. valeria.credidio@lais.huol.ufrn.br

CRISTINA PEREIRA VIEIRA

Professora Doutora da base de Sustentabilidade Social e Desenvolvimento, da Universidade Aberta de Portugal, cristina.vieira@uab.pt

ELOIZA GOMES DE OLIVEIRA

Professora Doutora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, eloizagomes@hotmail.com

RESUMO

Este é um recorte da tese de doutorado A EDUCAÇÃO INTEGRAL EM SEXUALIDADE PARA A PREVENÇÃO DA SÍFILIS: UM OLHAR DOS e DAS DOCENTES DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DO MUNICÍPIO DE NATAL (RN)/ BRASIL, do programa de Sustentabilidade Social e Desenvolvimento, da Universidade Aberta de Portugal. O doutorado foi realizado em uma parceria entre a instituição portuguesa e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, por meio do Laboratório de Inovação Tecnológica em Saúde (LAIS/UFRN), como parte integrante do Projeto "Sífilis Não", tendo, entre outros atores, a atuação direta do Ministério da Saúde do Brasil e da Organização Pan Americana de Saúde (OPAS). Desde 2016, o Brasil vive uma pandemia de sífilis, reconhecida oficialmente pelo governo federal. Esse reconhecimento teve como base a alta nos casos de sífilis adquirida (quando transmitida entre parceiros sexuais), a sífilis em gestante e a sífilis congênita (quanto o bebê é contaminado pela mãe durante a gestação ou o parto). Diante do aumento de casos e do reconhecimento oficial, iniciaram-se uma série de ações, direcionadas para comunicação e educação, com o objetivo de alertar e conscientizar a população quanto às consequências da sífilis, mas sobretudo, quanto a possibilidade de prevenção, testagem e cura. Neste contexto, a escola cumpre

um papel fundamental, como um ambiente propício à troca de conhecimentos e experiências entre adolescentes, tendo o professor como mediador. A pesquisa realizada durante o processo de doutoramento teve como objetivos analisar o conhecimento expressado pelos e pelas docentes em relação à sexualidade e comportamento de seus estudantes; conhecer a percepção dos e das docentes em relação à sexualidade, nomeadamente no que diz respeito à prevenção da gravidez precoce e ao enfrentamento à sífilis, e identificar a necessidade de formação para os e as docentes na área de educação integral em sexualidade.

Palavras-chaves: sífilis, adolescentes, educação, formação, professores

APRESENTAÇÃO

Este é um recorte da tese de doutorado A EDUCAÇÃO INTEGRAL EM SEXUALIDADE PARA A PREVENÇÃO DA SÍFILIS: UM OLHAR DOS e DAS DOCENTES DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DO MUNICÍPIO DE NATAL (RN)/ BRASIL, do programa de Sustentabilidade Social e Desenvolvimento, da Universidade Aberta de Portugal. O doutorado foi realizado em uma parceria entre a instituição portuguesa e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, por meio do Laboratório de Inovação Tecnológica em Saúde (LAIS/UFRN), como parte integrante do Projeto “Sífilis Não”, tendo, entre outros atores, a atuação direta do Ministério da Saúde do Brasil e da Organização Pan Americana de Saúde (OPAS).

Desde 2016, o Brasil vive uma pandemia de sífilis, reconhecida oficialmente pelo governo federal. Esse reconhecimento teve como base a alta nos casos de sífilis adquirida (quando transmitida entre parceiros sexuais), a sífilis em gestante e a sífilis congênita (quanto o bebê é contaminado pela mãe durante a gestação ou o parto).

Entre os adolescentes esse aumento também foi constatado. Dados obtidos durante indicam o crescimento dos casos de sífilis entre meninas com idades variando entre 11 e 15 anos, focado na diminuição do número de infecções causadas pela sífilis. De acordo com o levantamento realizado junto ao SINAN – Sistema de Informação de Agravos de Notificação em Saúde, do Governo Federal do Brasil, apenas no ano de 2017, período em que foi lançado o projeto, foram notificados 608 casos de sífilis congênita em todo o Brasil em crianças cuja progenitora tem entre os 10 e os 14 anos. No entanto, esses dados sobem para mais de 12 mil casos quando a faixa etária da progenitora passa para 15 a 19 anos, conforme demonstrado na Tabela 1.1

Tabela 1.1 - Dados sobre a faixa etária materna de mulheres diagnosticadas com sífilis congênita

Sífilis em Gestantes de acordo com a faixa etária materna										
Faixa Etária/Ano	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
10 a 14 anos	88	110	162	203	261	328	370	446	514	608
15 a 19 anos	1.318	1.648	2,109	3.093	3968	5.352	6.983	8.522	9.903	12.724

Boletim divulgado pelo Ministério da Saúde em 2021, confirmam a tendência de crescimento dos casos em gestantes ainda adolescentes. O documento demonstra um percentual significativo de mulheres grávidas, diagnosticadas com sífilis, no Brasil. Considerando o ano de 2020, o país registrou que 56,4% das gestantes diagnosticadas com sífilis encontravam-se na faixa etária de 20 a 29 anos. Outros 23,3% das mulheres estavam na faixa etária entre 15 a 19 anos. Já entre as mulheres mais velhas, de 30 a 39 anos, o percentual girou em torno de 17%. Em números absolutos, foi, também, registrada uma mudança de comportamento entre os anos de 2019 e 2020, conforme demonstrado na Tabela 1.2.

Tabela: 1.2: Casos de sífilis em gestantes registrados nos Brasil, entre adolescentes

Faixa etária/Período	2019	2020	2021
de 10 a 14 anos	644	620	250
de 15 a 19 anos	14.895	14.329	5.947

Fonte: SVS (2021).

O crescimento significativo no registro de sífilis em gestantes, no intervalo das faixas etárias, nos leva a refletir sobre a qualidade da informação que é transmitida para essa adolescente, durante o seu período de formação escolar. Informações sobre seu corpo, a saúde reprodutiva e o acesso aos cuidados básicos durante a relação sexual.

Diante do aumento de casos e do reconhecimento oficial, iniciaram-se uma série de ações, direcionadas para comunicação e educação, com o objetivo de alertar e conscientizar a população quanto às consequências da sífilis, mas sobretudo, quanto a possibilidade de prevenção, testagem e cura.

Neste contexto, a escola cumpre um papel fundamental, como um ambiente propício à troca de conhecimentos e experiências entre adolescentes, tendo o professor como mediador. A pesquisa realizada durante o processo de doutoramento teve como objetivos analisar o conhecimento expressado pelos e pelas docentes em relação à sexualidade e comportamento de seus estudantes; conhecer a percepção dos e das docentes em relação à sexualidade, nomeadamente no que diz respeito à prevenção da gravidez precoce e ao enfrentamento à sífilis, e identificar a necessidade de formação para os e as docentes na área de educação integral em sexualidade.

A escola tem um papel influenciador quanto ao comportamento dos adolescentes, de maneira geral, e no tocante às questões da sexualidade, também. Passando parte importante de seus dias no ambiente escolar, desde a infância, quando participam das atividades desenvolvidas na primeira fase escolar, denominada como educação infantil, a criança começa a entender e vivenciar a sua sexualidade. Essa vivência perpassa pelos próprios direitos propostos para a educação infantil que, de acordo com o Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), entre os direitos de desenvolvimento e aprendizagem que precisam ser garantidos estão “expressar” e “conhecer-se”. Na adolescência, as manifestações e transformações se tornam maiores e mais evidentes, com o próprio desenvolvimento corporal e hormonal, marcando a entrada na puberdade.

Mesmo na atualidade, com a diversidade de informações que se pode encontrar nos meios digitais, a escola é um ambiente propício para que o jovem tenha acesso a informações sobre sexualidade e que possa discutir as mesmas. “O ambiente escolar conta com grande variedade de experiências e opiniões, onde os alunos estabelecem relações que lhes permitem descobrir e conhecer aspectos da sua sexualidade e a dos outros” (Miranda et al., 2015, p. 7).

Para os autores, a escola é um dos locais indicados para discussões sobre sexualidade humana, em aulas e debates direcionados para este tema. Para eles essas atividades, orientadas e acompanhadas por professores, precisam ter objetivos claramente definidos, embasados por uma literatura especializada, proporcionando aos estudantes a oportunidade de receberem informações, esclarecerem suas dúvidas e repensarem seus tabus, mitos, atitudes diretamente ligadas à sexualidade. E nessas discussões devem ser abordados temas como gravidez precoce, infecções sexuais transmissíveis, relacionamento afetivo-sexual com pessoas do mesmo sexo e do sexo oposto, autoerotismo, virgindade, direitos humanos e direitos sexuais (Miranda et al., 2015, p. 3).

A discussão do tema na escola se mostra relevante pelo momento em que o adolescente atravessa, com a chegada da puberdade e a manifestação da sexualidade de cada um, revelando desejos e novas necessidades de relacionamentos interpessoais. Sendo assim, o sexo passa a ser fator de preocupação e curiosidade por parte do adolescente. Serra & Ruzany (2018) argumentam que, diante da possibilidade de se unir o ambiente escolar ao contexto de sexualidade é fundamental que se leve em conta os valores, atitudes, hábitos e comportamentos em processo de formação e solidificação do indivíduo. (Serra & Ruzany, 2018.)

METODOLOGIA

Para se alcançar os objetivos previamente traçados, optou-se por se promover uma pesquisa qualitativa. Essa escolha deveu-se ao fato de estar trabalhando com um tema de impacto e importância social e da necessidade de realizar um levantamento sobre o conhecimento de um grupo específico de profissionais, no caso, os professores do ensino fundamental, anos finais, da cidade do Natal. Oliveira, Leite Filho & Rodrigues (2007, p. 2) para reforçar a importância da pesquisa qualitativa. De acordo com os autores, “os investigadores usam as abordagens qualitativas para explorar o comportamento, as perspectivas e as experiências das pessoas que eles estudam. A base da investigação qualitativa reside na abordagem interpretativa da realidade social”. Godoy (1995) reforça a importância da pesquisa qualitativa para a investigação de um fenômeno ser melhor compreendido no contexto que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando captar “o fenômeno” em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes (p. 21).

Com esse olhar sobre a pesquisa e por necessitar de uma comunicação interativa entre pesquisador e professores, optamos por utilizar, como ferramenta, a organização de grupos focais, como técnica de investigação qualitativa “comprometida com a abordagem metacientífica compreensivista”, conforme caracterizou Gondim (2002). Morgan (1997) e Kitzinger (2000) ressaltam aspectos do grupo focal, enquanto pesquisa qualitativa, por meio de entrevistas grupais, baseadas na comunicação e interação. A cargo do pesquisador fica a escolha de tópicos específicos a serem trabalhados, havendo o detalhamento de um tópico específico. Ele busca colher informações que possam proporcionar a compreensão de percepções, crenças, atitudes sobre um tema, produto ou serviços.

Ainda de acordo com os autores citados, o grupo focal, preferencialmente, é aplicado em pesquisas exploratórias ou avaliativas, associando técnicas de entrevistas e observação dos integrantes do grupo (Morgan, 1997). Desta forma, ao reunir pensamentos de uma pessoa ou grupo(s) [grupos focais], elaboram-se conhecimentos que auxiliarão na proposição e solução aos problemas de pesquisa (Ludke & André, 2014).

A escolha pela metodologia citada também foi embasada nos conceitos de Gaskell & Bauer (2002), quando o autor afirma que os grupos focais propiciam uma

maior possibilidade de desenvolvimento de um debate aberto com a abordagem de um tema que desperte o interesse de todos os participantes. Para Bomfim (2009), a vantagem de se desenvolver uma pesquisa por meio de grupo focal é ter a possibilidade de analisar, não somente as questões que estão sendo colocadas, mas os fatores que interferem no processo de debate entre os participantes dos grupos focais. Outro aspecto fundamental da metodologia é a sinergia entre os participantes, por meio da troca de experiência, oportunizando a mudança de opinião sobre os temas discutidos. Conforme exposto por Vieira (2012), os grupos focais proporcionam interações entre os participantes, facilitando "...a compreensão das diferentes vivências, percepções e racionalidades (...) obtendo informações em profundidade".

Quanto à composição dos grupos focais, pode-se encontrar algumas variações entre os autores. Para Pizzol (2004) o número de participantes pode variar entre seis e quinze, por tanto que permita a participação de todos e que as discussões sejam adequadas ao tema proposto. No entanto, o próprio autor ressalta que o tamanho ideal do grupo focal é aquele em que todos os membros possam participar efetivamente, promovendo uma discussão adequada. (Pizzol, 2004).

A metodologia foi a mesma utilizada para os três grupos focais. Por meio de slides, foram apresentados dados levantados durante o processo de pesquisa, envolvendo questões de sexualidade dos adolescentes, uso de preservativos e ainda informações referentes à sífilis, para a faixa etária dos alunos. Também foram apresentados dados compilados pelos pesquisadores do Projeto "Sífilis Não", além de demonstrar algumas das ações colocadas em prática, por meio de campanhas de comunicação e educação para a saúde.

Durante os contatos para a realização dos grupos focais desenvolvidos para a pesquisa em questão, o que mais foi percebido foi essa vontade de fazer. De fazer diferente. De mudar situações. De passar pelos obstáculos. De vencer barreiras. De transformar vidas. Conforme coloca Paulo Freire, (2013, p. 45) "o que importe, na formação docente é a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser educado, vai gerando a coragem."

Ao todo participaram dos grupos focais 20 professores, sendo 5 homens e 15 mulheres. Essa diferença entre homens e mulheres pode se justificar pela composição do magistério no Brasil, quem conta com 96% de professoras na educação infantil, havendo uma diminuição nas demais etapas, mas, ainda, mantendo-se como maioria.

RESULTADOS

Ao iniciar o trabalho com os grupos focais, houve a preocupação de contextualizar cada uma das informações apresentadas. Informações essas todas coletadas durante o processo de pesquisa e levantamento de dados para a construção deste trabalho e, em sua grande maioria, já apresentados durante essa escrita.

Aqui, um recorte da fala dos professores e professoras, revelando o cotidiano de sala de aula e a vivência que o e a docente tem com seus estudantes. Importante ressaltar que essas falas revelam a visão desses profissionais, que exercem importante influência na vida de seus alunos. A fala dos professores está identificada com um código, conforme o exemplo, G2:M:52:ED.FÍS, sendo G, referente ao número do grupo; M, referente ao gênero do entrevistado, o numeral referente a idade e a última informação referente à área de atuação.

Entre os temas aqui recortados estão a iniciação sexual dos adolescentes, o uso do preservativo e a formação docente para a abordagem de temas relacionados.

Iniciamos os três grupos focais com a discussão sobre a idade de iniciação sexual entre adolescentes no Brasil. Entre os professores e professoras participantes dos três grupos não houve surpresa, havendo até uma certa naturalização do fato. A idade média de 13 anos, para eles, é o que se vê em quase todas as turmas do ensino fundamental. Importante ressaltar que os professores sempre ligam a atividade sexual à gravidez. Em quase todas as falas encontramos referências às alunas grávidas em sala de aula.

“Não me assustam (os dados) porque é visível os relatos dos alunos.. Talvez pela atividade da educação física, é mais comum eles se expressarem, por meio da dança, dos gestos, imitando o ato sexual.(...)” (G2:M:52:ED.FÍS)

A percepção dos professores é confirmada pelos dados levantados na última Pesquisa Nacional de Saúde Escolar – PeNSE/IBGE, de 2019, que apontam para que 35,4% dos estudantes, de 13 a 17 anos, já tiveram relação sexual pelo menos uma vez. Entre os meninos, o percentual é de 39,9% e entre as meninas, de 31%. O levantamento também aponta que 36,6% dos adolescentes tiveram a sua primeira experiência sexual completa antes dos 13 anos, confirmando o comportamento já adotado em anos anteriores.

Quanto a iniciação sexual das meninas, os professores se posicionam de forma diferente. Uma das entrevistas foi enfática em afirmar que há um movimento

forte, por parte das meninas, em iniciar a vida sexual cada vez mais cedo. Para os docentes, que são ratificados por autores, como Brêtas et al. (2011), a influência dos amigos e pares surge como um dos principais pontos a serem levantados pelos entrevistados. Os autores confirmam que 31% das meninas preferem se aconselhar com os colegas, tendo os como fontes confiáveis de informação e auxiliando em suas tomadas de decisão. Essa influência passa por conversar, troca de experiências vivenciadas, exemplos, e muitas vezes, aderir a comportamentos para ser aceita em determinados grupos de amigos.

“Mas será que elas fizeram essa opção ou foram levadas a isso? Tem muita pressão do namorado e até das amigas. Aquela coisa de ‘eu já fiz. Você não vai fazer?’” (G3:M:41:GEO)

“É o comportamento que a gente percebe aqui na escola. Elas mudam. Deixam de ser meninas para terem outros interesses. (G3:M:41:GEO)

Essa perspectiva dos participantes dos grupos focais é confirmada por Cano et al. (2000) e Maia et al. (2006) confirmam a perspectiva dos professores quanto à influência dos meios de comunicação no comportamento do adolescente, no tocante ao desenvolvimento de sua sexualidade. Os autores citam que os meios de comunicação têm influência relevante na vida do adolescente, na formação de seu caráter e dos valores morais.

Quanto à influência exercida pelos amigos, conforme já exposto neste trabalho, Brêtas et al. (2011) confirma que 31% das meninas preferem se aconselhar com os colegas, tendo os como fontes confiáveis de informação e auxiliando em suas tomadas de decisão.

Já para os meninos, os professores percebem a iniciação sexual e a descoberta da sexualidade de forma mais natural, porém com falas que demonstram o machismo existente. A informação que foi apresentada para os grupos diz respeito ao percentual de adolescentes que não usam nenhum tipo de proteção em sua mais recente relação sexual. Esse percentual gira em torno de 20%. Ao mesmo tempo, entre esse grupo de adolescentes pesquisados, foi levantado que 26% dos meninos, antes dos 13 anos, já haviam tido mais de três parceiros sexuais. De acordo com a PeNSE (2019), 44,7% dos meninos tiveram a sua primeira experiência antes dos 13 anos, enquanto entre as meninas, o percentual foi de 37,4%.

Contudo há também na fala de uma professora um certo entendimento que indica a obrigatoriedade do menino ter experiências sexuais. Conforme já foi

apontado neste trabalho, a idade em que ocorre a primeira relação sexual vem diminuindo e, conseqüentemente, a atividade sexual aumentando. No entanto, conforme foi comprovado pelos levantamentos de dados realizados durante a pesquisa e pode ser observado durante os grupos focais, esse comportamento é mais bem aceito pela sociedade, quando se fala do comportamento dos meninos. Rebello (2007) explica essa situação e ressalta que há uma dupla moral sexual, onde ficam determinadas como “normas e expectativas sociais em relação à idade e circunstâncias adequadas para as primeiras práticas sexuais, que diferenciam homens e mulheres.

“O menino tem o aval da família. Ele tem quase que a obrigação de ter as suas experiências. A gente percebe isso nas conversas como também nas atitudes deles, em sala de aula” (G1:M:53:MAT)

Neste sentido, percebemos que o posicionamento expressado pelos professores é justificado por estudos direcionados à sexualidade e à igualdade de gênero. Biroli (2018, p. 139) enfatiza que “historicamente, as desigualdades entre homens e mulheres, assim como as de classe, raça e sexualidade, foram subsumidas na abordagem dos direitos de liberdade e da autonomia, sem que fossem problematizadas”. Para a autora, o resultado dessa não discussão social é a falta de igualdade e oportunidades, sem levar em conta os direitos individuais de todas as pessoas, especialmente para as mulheres.

Diante da iniciação sexual, a necessidade de proteção se faz urgente. Dado levantados durante a pesquisa bibliográfica aponta o uso da camisinha durante o ato sexual. No entanto, essa não é uma percepção dos professores “Eles não sabem usar” (G3:M:41:GEO).

Por outro lado, no mesmo grupo, pontos de vista sobre o mesmo cenário foram colocados. Cenários que apontam para uma certa facilidade em utilizar os preservativos, tendo-os sempre disponíveis para uma possível utilização. A fala dos professores também demonstra que o adolescente, principalmente o menino, tem facilidade para concretizar o ato sexual em casa, em momento de ausência dos pais ou responsáveis. Mota et al. (2022) destaca que, em 96,1% dos arranjos familiares no Brasil, os pais são as pessoas mais próximas ao adolescente, propiciadores da educação no âmbito da educação moral, influenciando diretamente no comportamento dos adolescentes. Os autores ainda afirmam que impedir o início da vida sexual precoce entre os adolescentes se tornou uma tarefa difícil, mas a relação de liberdade entre a família é fundamental para os adolescentes estejam mais

preparados e confiantes para discutir as informações que circundam as práticas sexuais, sem medo de serem reprimidos ou sobre alguma tipo de punição.

O relato dos professores expõe a falta de informação, por parte dos adolescentes, quanto ao uso da camisinha, fortalecendo a importância de uma formação, cada vez mais centrada, em métodos de proteção. Essa corrente de pensamento corresponde ao que vem sendo percebido em diversas pesquisas realizadas no Brasil, enfatizando, a falta de informação como um dos principais obstáculos a serem vencidos pelo adolescente, tanto no manuseio e como no descarte.

Uma das consequências do não uso ou uso errado da camisinha são as infecções sexualmente transmissíveis, com destaque para a sífilis. Levantamentos apontam para um aumento crescente no número de casos da infecção sexualmente transmissível. Vale uma ressalva: em dois grupos focais (1 e 3) cinco participantes não tinham conhecimentos sobre a sífilis, modo de transmissão, testagem e tratamento. Esses professores e professoras também desconheciam o fato da sífilis ser uma IST e que pode levar à morte.

*"...a informação é necessária e que não podemos deixar os tabus serem mais importantes do que a conversa. E a informação precisa ser repassada ao aluno. Por que não trabalhar a prevenção? Essa é uma posição necessária. (G2:M:38:CIE).
"As ISTs fazem parte do currículo de ciências há muito tempo e ainda não se conseguiu falar sobre isso com naturalidade (...)." (G3:M:37:CIE)*

Ao observar a fala dos professores nota-se a necessidade de mais informações, tanto para o profissional da educação quanto para toda a comunidade sobre a sífilis e suas implicações. No âmbito do projeto "Sífilis Não", base para o desenvolvimento deste trabalho, realizaram-se diversas ações de comunicação e educação, com o intuito, justamente, de informar a população.

FORMAÇÃO DOCENTE E OS DESAFIOS

A formação continuada em trabalho é uma realidade na educação brasileira, tanto por programas instituídos pelos próprios governos municipais, estaduais e federal, como por iniciativa do próprio docente. No entanto, durante essas formações pouco se aborda sobre questões de sexualidade. A falta de uma abordagem sobre o tema é um dos pontos colocados pelos e pelas docentes durante boa parte das discussões dos grupos focais. Para eles, o fato de não contarem com uma

formação específica ou como o apoio institucional, dificulta o desenvolvimento de qualquer ação direcionada ao diálogo e orientação.

Em outro relato, um dos componentes do grupo expõe os problemas enfrentados junto à gestão escolar. Durante o desenvolvimento de um projeto em ambiente escolar, o docente teve oportunidade de colocar em prática diversas ações, efetivas, tendo como foco a orientação para sexualidade, abordando temas importantes para os adolescentes, em sala de aula e em outras atividades desenvolvidas no ambiente escolar. Após algum tempo e a aposentadoria de um dos membros da equipe, o projeto foi perdendo força junto à gestão escolar.

(...) a primeira ação foi retirar a distribuição de preservativos. A gestão da escola alegou que tinha que pedir autorização para as famílias. (...)" (G2:H:51:CIE)

(...) a resistência não é apenas da família, mas, também, dentro da escola." (G2:M:34:CIE)

Durante todo o diálogo, nos três grupos focais, os professores sempre trouxeram para a pauta a necessidade de se abordar o tema da sexualidade. No entanto, os mesmos professores deixaram clara a falta de espaço para se trabalhar a temática com os alunos.

(...). Se você é um professor e tem uma disciplina que favorece esse ambiente de escuta, eles falam. ... e o professor e a escola precisam estar preparados para ouvir" (G2:M:34:CIE)

Para a educadora o fato de trabalharem com conteúdos programáticos mais direcionados ao desenvolvimento do corpo humano, e até mesmo assuntos relacionados à sexualidade, facilita o diálogo com os alunos, transformando-se, muitas vezes, em uma referência para dúvidas e situações vivenciadas pelos adolescentes.

"Os alunos querem um momento de escuta e eu dou aula justamente para os adolescentes, esse público que está em fase de descoberta, que os hormônios estão a mil por hora. ... mas a gente sabe que o meio em que eles vivem tem uma forte influência no comportamento". (G2:M:38:CIE)

CONCLUSÃO

Ao se deparar com os temas, muitos professores relataram situações vivenciadas no cotidiano das escolas, havendo uma comprovação direta dos dados

levantados durante a pesquisa. Os professores também demonstraram, por diversas vezes, desconhecimento de como agir em determinadas situações ou preferindo se eximir de participar delas. Essas atitudes ocorreram, principalmente, entre os professores das ciências exatas - matemática - ficando aos professores das áreas de humanas (história e geografia) e ciências os que têm uma maior abertura para diálogo com os estudantes.

Para justificar a dificuldade em lidar com o tema, os docentes alegaram falta de conhecimento específico e que seria necessário um maior apoio por parte da própria escola e, até um consentimento das famílias.

Ao se deparar com temas ligados à sexualidade, muitos professores relataram situações vivenciadas no cotidiano das escolas, havendo uma comprovação direta dos dados levantados durante a pesquisa. Os professores também demonstraram, por diversas vezes, desconhecimento de como agir em determinadas situações ou preferindo se eximir de participar delas. Essas atitudes ocorreram, principalmente, entre os professores das ciências exatas - matemática - ficando aos professores das áreas de humanas (história e geografia) e ciências os que têm uma maior abertura para diálogo com os estudantes.

Para justificar a dificuldade em lidar com o tema, os docentes alegaram falta de conhecimento específico e que seria necessário um maior apoio por parte da própria escola e, até um consentimento das famílias.

O que se percebe então, é que há uma forte influência da área escolhida pelo docente em sua formação, demonstrando uma preocupação conteudista e não uma formação transversal e humanística, com o olhar direcionado não apenas para a transmissão de informações, mas para a construção de conhecimento.

Essas falas remetem a necessidade de instrumento de qualificação para os professores, observando a necessidade dos alunos, adolescentes em transformações.

REFERÊNCIAS

Base Nacional Comum Curricular. (2017). *Educação é a Base*. Ministério da Educação. Biroli, F. *Gênero e Desigualdade: limites da democracia no Brasil*. (1. ed.). Boitempo. (2018).

Bomfim, L. A. Grupos Focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisa de saúde. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, 19(3):777-796. 2009

Brêtas, J. R., Ohara, C., Jardim, D. P. & Aguiar Jr, W. Aspectos da sexualidade na adolescência. *Revista Ciência e saúde coletiva*, 16(7). 2011.

Cano, M. A. T.; Ferriani, M. G. C.; Gomes, R. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 8(2):18-24. 2000

Freire, P. *Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à Prática Educativa*. (46. ed). Paz e Terra. 2013.

Gagnon, J. H. *Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade*. 2006.

Gaskell, G. & Bauer, M. W. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Vozes. 2002

Godoy, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *RAE -Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, 35(2):57-63. 1995.

Gondim, S. M. G. Perfil profissional e mercado de trabalho: relação com formação acadêmica pela perspectiva de estudantes universitários *Estud. Psicologia*, 7(2). 2002

Kitzinger, J. Focus groups with users and providers of health care. In C. Pope & N. Mays (Orgs.). *Qualitative research in health care*. (2. Ed). BMJ Books. 2002.

Ludke, M. & André, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. (2ª ed.). E.P.U. 2014.

Maia, R. F., Silva, C. P., Marques, M. T. S. P. & Ferreira, K. C. V. A influência da mídia na sexualidade do adolescente. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, 5(3). 2016.

Miranda, P. R. M., Freitas, F. E. L. & Silva, C. (2015). *Concepções e temas correlatos de sexualidade de alunos do Ensino Fundamental*. Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, Águas de Lindóia. <http://www.abrapecnet.org.br/enpec/x-enpec/anais2015/resumos/R1232-1.PDF>.

Morgan, D. L. *Focus group as qualitative research*. Sage. 1997.

Neves, R.G., Wendt, A., Flores, T.R., Costa, C.S., Costa, F.S., Tovo-Rodrigues, L., Nunes, B.P. (2017, jul./sept). Simultaneidade de comportamentos de risco para infecções sexualmente transmissíveis em adolescentes brasileiros, 2012. *Epidemiol. Serv. Saúde* 26(3).

Oliveira, A.A. R., Leite filho, C.A. & Rodrigues, C.M.C. *O Processo de Construção dos Grupos Focais na Pesquisa Qualitativa e suas Exigências Metodológicas*. XXX Encontro da ANPAD - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração. Rio de Janeiro.

PeNSE – Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. 2019.

Pizzol, S. J. S. Combinação de grupos focais e análise discriminante: um método para tipificação de sistemas de produção agropecuária. *Rev. Econ. Sociol. Rural*, 42(3):451-468. 2004.

Rebello, L.E.F.S. Iniciação sexual, masculinidade e saúde: narrativas de homens jovens universitários. 2007.

Serra, A. S. L. & Ruzany, M. H. (2018). *Proteger e Cuidar da Saúde de Adolescentes na Atenção Básica*. Ministério da Saúde.

Vieira, C. P.. *Eu faço sexo amoroso: a sexualidade dos jovens pela voz dos próprios*. Editorial Bizâncio. 2012.